

Fatores de risco e de proteção e autoavaliação de desempenho escolar frente à COVID-19.

Janaina Chnaider

Tatiana de Cássia Nakano

Laís Santos-Vitti

RESUMO

Esta pesquisa avaliou a relação entre aspectos positivos (satisfação com a vida, otimismo e afetos positivos) e negativos (ansiedade e afetos negativos), assim como a autoavaliação de desempenho escolar, frente ao cenário da pandemia da COVID-19. Participaram 172 estudantes de cursos técnicos, sendo 118 do sexo feminino, com idades entre 15 e 51 anos ($M = 17,5$; $DP = 8,73$ anos). Diferenças significativas mostraram que os homens apresentaram maiores médias nas medidas positivas avaliadas (satisfação com a vida e otimismo), enquanto as mulheres apresentaram maior média em aspectos negativos (afetos negativos e ansiedade). Os alunos que avaliaram seu desempenho escolar como excelente apresentaram maior média em satisfação com a vida, afetos positivos e otimismo. Almeja-se que tais resultados possam fomentar estratégias voltadas à prevenção de problemas relacionados à saúde mental dos adolescentes, bem como incentivar pesquisas futuras de caráter longitudinal.

Palavras-chave: satisfação com a vida; otimismo; afetos positivos; ansiedade; afetos negativos.

ABSTRACT

Risk and protective factors and self-evaluation of academic performance in response to COVID-19.

This research assessed the relationship between positive aspects (life satisfaction, optimism, and positive affect) and negative aspects (anxiety and negative affect), as well as self-evaluation of academic performance, in the context of the COVID-19 pandemic. The participants were 172 technical courses students, including 118 females, aged 15 to 51 years ($M = 17.5$; $SD = 8.73$ years). Significant differences revealed that males had higher averages in positive measures (life satisfaction and optimism), while females had higher averages in negative aspects (negative affect and anxiety). Students who rated their academic performance as excellent showed higher averages in life satisfaction, positive affect, and optimism. It is hoped that these results will inform strategies aimed at preventing mental health issues among adolescents and encourage future longitudinal research.

Keywords: life satisfaction; optimism; positive affect; anxiety; negative affect.

Sobre os autores

J. C.
orcid.org/0000-0001-5567-6698
Pontifícia Universidade Católica
de Campinas (PUCCAMP)
Campinas - SP
jana_chnaider@hotmail.com

T. C. N.
orcid.org/0000-0002-5720-8940
Pontifícia Universidade Católica
de Campinas (PUCCAMP)
Campinas - SP
tatiananakano@hotmail.com

L. S. V.
orcid.org/0000-0001-7246-7476
Pontifícia Universidade Católica
de Campinas (PUCCAMP)
Campinas - SP
lais.s2@puccampinas.edu.br

Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



Evidências têm demonstrado que a prevalência de problemas internalizantes entre adolescentes aumentou durante a pandemia provocada pela COVID-19, especialmente devido à necessidade de isolamento social (Bernasco et al., 2021). Considerando que a interação com pares é especialmente importante nessa fase (Andrews et al., 2020) e que esta foi reduzida ao longo desse período de quase dois anos, diversas pesquisas têm indicado um aumento na incidência de depressão, estresse e ansiedade entre adolescentes (Cohen et al., 2021), dentre outros impactos relacionados à saúde física e mental.

O impacto psicológico dessa pandemia em crianças e adolescentes, ainda que se mostre uma questão importante, tem sido facilmente negligenciado (Wang et al., 2021). Os autores citam que estressores como duração prolongada, medo de infecção, frustração, tédio, informações inadequadas, falta de contato pessoal com amigos e professores, falta de espaço pessoal em casa e perda financeira da família podem ter efeitos ainda mais problemáticos e duradouros nessa população (Nakano et al., 2021).

O cancelamento das aulas presenciais, a perda dos contatos sociais, dificuldades com o ensino remoto, dentre outros aspectos, podem levar a resultados negativos nessa fase já tão conturbada. A pandemia pode piorar os problemas de saúde mental existentes devido a uma combinação entre isolamento social, crise de saúde e recessão econômica, especialmente entre os adolescentes pertencentes a grupos minoritários étnicos e raciais, com renda familiar mais baixa, os quais podem não ter recursos familiares e acesso a serviços comunitários disponíveis (Golberstein et al., 2020).

Nesse sentido, o desenvolvimento de estudos voltados a essa população pode ajudar a aumentar a responsabilidade dos adolescentes como uma medida preventiva para futuras pandemias e problemas relacionados à saúde mental (Oosterhoff & Palmer, 2020). Nesse cenário, a promoção da saúde mental dos adolescentes deve ser considerada uma prioridade, sendo que, neste contexto, as escolas assumem um importante papel (Aldridge & McChesney, 2018).

A investigação de determinantes da saúde mental positiva, em vez de focar na doença mental, tem se mostrado uma nova direção de pesquisa, com implicações importantes para a promoção da saúde na população (Thomson et al., 2017). A ênfase na saúde mental positiva está ligada a uma abordagem que visa à promoção da saúde, qualidade de vida, bem-estar e bom funcionamento geral (Erickson et al., 2019), sendo que, no contexto educacional, o bem-estar dos estudantes tem sido apontado como um determinante essencial do sucesso acadêmico e desenvolvimento dos alunos.

Assim sendo, a presente pesquisa foi conduzida com o objetivo de investigar aspectos positivos e negativos relacionados à saúde mental de estudantes de curso técnico durante

a pandemia da COVID-19. Diante do exposto, este estudo teve como objetivos: (1) avaliar a relação entre aspectos positivos (satisfação com a vida, otimismo e afetos positivos) e negativos (ansiedade e afetos negativos), (2) verificar a influência de variáveis sociodemográficas (sexo e idade), assim como a autoavaliação de desempenho escolar (péssimo, ruim, regular, bom ou excelente) frente aos sintomas de ansiedade, otimismo, satisfação com a vida e afetos positivos e negativos.

MÉTODO

PARTICIPANTES

A amostra foi composta por 172 participantes, sendo 118 do sexo feminino (68,6%), com idades entre 15 e 51 anos ($M = 17,5$; $DP = 8,73$ anos). Dezoito participantes não forneceram sua idade. Os participantes eram alunos de seis cursos técnicos: Administração (36,0%), Eletrônica (7,6%), Eletrotécnica (7,6%), Logística (25,6%), Mecânica (3,5%) e outros (19,8%). Novamente, 62 participantes (36,0%) não identificaram o curso. Quase metade deles cursava o ensino integrado (48,8%). Destes, 50,6% estavam no primeiro ano do curso, 26,7% no segundo ano e 22,7% no terceiro ano. Informaram, em relação à sua etnia, que eram brancos (56,4%), negros (9,9%), pardos (32,0%) e outros (1,7%). Em sua maior parte, moravam em duas pessoas na casa (8,7%), três (27,9%), quatro (42,4%), cinco ou mais pessoas (14,5%). Onze participantes não responderam à questão.

INSTRUMENTOS

O questionário elaborado continha duas partes. A primeira envolvia questões sociodemográficas (idade, sexo, etnia, número de pessoas que vivem na residência, curso, ano do curso, se faz curso integrado) e aspectos relacionados ao isolamento social (sintomas em si ou em membros da família; diagnóstico de COVID-19 em si ou em membros da família; tempo que estava em isolamento social; avaliação do seu desempenho durante o período de isolamento; se alguém da família estava em trabalho domiciliar, se houve diminuição da renda familiar ou desemprego em decorrência da pandemia; alterações comportamentais percebidas).

Em seguida, cinco instrumentos foram acrescentados ao formulário enviado com o objetivo de avaliar a satisfação com a vida, afetos positivos e negativos, otimismo e pessimismo e sintomas de ansiedade. A descrição de cada um é apresentada a seguir.

ESCALA DE AFETOS POSITIVOS E NEGATIVOS (PANAS)

A PANAS foi criada no ano de 1994 por Watson e Clark, e adaptada para o português brasileiro por Giacomoni e Hutz (1997) e refinada por Zanon e Hutz (2014). Trata-se de uma escala de

autorrelato formada por 10 itens que visam avaliar afetos negativos (AN) e 10 itens que mensuram os afetos positivos (AP). As sentenças correspondem a adjetivos que devem ser respondidos de acordo com o quanto as pessoas sentem as emoções em questão. As opções de resposta variam de 1 a 5 pontos, em que 1 refere-se a “nem um pouco” e 5 “extremamente”. As consistências internas das escalas de AN e AP são consideradas adequadas ($\alpha = 0,90$ e $\alpha = 0,84$, respectivamente).

ESCALA DE SATISFAÇÃO COM A VIDA (EVS)

A EVS foi criada por Diener et al. (1984), e adaptada para o português brasileiro por Zanon et al. (2014). Trata-se de um instrumento de autorrelato composto por cinco itens, os quais avaliam o nível de satisfação com a vida dos respondentes. As sentenças estão dispostas em uma escala Likert de sete pontos, os quais refletem a satisfação geral em relação à vida. A EVS apresenta estrutura fatorial unidimensional e consistência interna satisfatória, tendo em vista os valores de alfa de Cronbach ($\alpha = 0,86$; Zanon et al., 2014).

GENERALIZED ANXIETY DISORDER 7-ITEM (GAD-7)

A GAD-7 é composta por sete itens de autorrelato que avaliam o Transtorno de Ansiedade Generalizada – TAG (Spitzer et al., 2006). As opções de resposta estão dispostas em uma escala do tipo Likert de quatro pontos (de 0 até 3 pontos), os quais mensuram a frequência dos sintomas listados em relação aos últimos 15 dias. O escore total da GAD-7 varia de 0 a 21 pontos, sendo que quanto maior a pontuação, mais graves são os sintomas de ansiedade. Estudos apontam uma estrutura unidimensional da GAD-7 (Moreno et al., 2016; Tiirikainen et al., 2019). A consistência interna da GAD-7 também tem sido considerada satisfatória sendo encontrados α de Cronbach $> 0,80$ (Johnson et al., 2019; Tiirikainen et al., 2019).

LIFE ORIENTATION TEST – REVISED (LOT-R)

A LOT-r é uma escala de autorrelato desenvolvida inicialmente por Scheier et al. (1994). Ela é formada por 10 itens, dos quais quatro itens são neutros (os quais as pontuações não são consideradas), três itens que apresentam expectativas positivas (itens 1, 4 e 10) e três expectativas negativas (itens 3, 7 e 9). Os sujeitos devem responder os itens a partir do grau de concordância com as afirmações por meio de uma escala tipo Likert de cinco pontos, que vai de “discordo plenamente” até “concordo plenamente”. Os resultados encontrados em dois estudos brasileiros, um realizado com amostra de estudantes universitários e o outro com estudantes do ensino médio, apontaram a estrutura unifatorial da LOT-r, o que corrobora a ideia de que otimismo e pessimismo representam polos opostos de um *continuum*. No que tange à consistência interna, ob-

servou-se que a LOT-r apresentou índices satisfatórios, 0,80 e 0,76, respectivamente (Bastianello et al., 2014).

PROCEDIMENTOS

O projeto de pesquisa foi aprovado no Comitê de Ética do Setor de Saúde da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, CAAE 29875820.0.0000.5481. Os dados foram coletados a pedido da própria instituição de ensino, tendo sido realizada a coleta em maio de 2020. A pesquisa foi disponibilizada em plataforma *online*, sendo que o *link* foi enviado, pela própria escola, para os alunos. A instituição tem 1700 alunos matriculados em seus cursos técnicos. Todos foram convidados a participarem. Destes, 172 responderam ao questionário enviado (10,1%).

PLANO DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados referentes às informações sociodemográficas, bem como aspectos relacionados ao isolamento social, foram analisados em relação à sua frequência e porcentagem de ocorrência. Os demais instrumentos foram corrigidos considerando-se o modelo de correção próprio de cada medida. Para a EVS e LOT-r foi estimada a pontuação total em cada escala. Para a PANAS estimou-se a pontuação total em relação aos fatores AP (aspectos positivos) e AN (aspectos negativos). Os sintomas gerais de ansiedade foram mensurados através da pontuação total obtida na GAD-7. Foi realizado um teste de Mann-Whitney com o objetivo de investigar em que medida os níveis de ansiedade, otimismo, satisfação com a vida e afetos (positivos e negativos) eram equivalentes entre: (a) sexo feminino e masculino e (b) pessoas com idade de 15 aos 20 e acima de 21 anos.

Realizou-se também uma análise de variância de uma via (ANOVA-*One Way*) com o objetivo de avaliar se havia diferenças nos níveis de ansiedade, otimismo, satisfação com a vida e afetos entre pessoas no que tange à autoavaliação de desempenho escolar (bom/excelente, regular, ruim/péssimo). A normalidade dos dados foi avaliada por meio dos testes Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. O pressuposto de homogeneidade de variância foi avaliado por meio do teste de Levene. A fim de obter maior confiabilidade dos resultados, foram realizados procedimentos de *bootstrapping* (1000 re-amostragens; 95% IC BCa) para corrigir desvios de normalidade da distribuição da amostra e diferenças entre os tamanhos dos grupos e, também, para apresentar um intervalo de confiança de 95% para as diferenças entre as médias (Haukoos & Lewis, 2005). Considerando a heterogeneidade de variância, foi solicitada a correção de Welch e avaliação de *post-hoc* por meio da técnica de Games-Howell (Field, 2013).

RESULTADOS

Em relação ao tempo que estavam em isolamento social, as respostas variaram entre até 30 dias (11,0%), até 40 dias (7,6%), até 50 dias (9,9%), sendo predominante aqueles que estavam há 60 dias (30,2%) ou mais de 60 dias (37,8%). Sobre terem familiares com suspeita de COVID, a maior parte respondeu negativamente (80,8%), também não tendo, eles mesmos, nenhum sintoma (97,7%). Na família de 87,8% dos alunos não houve nenhum diagnóstico de COVID-19 e 100% dos alunos relataram que não foram diagnosticados.

Quando questionados se alguém da família estava em trabalho domiciliar, a maior parte respondeu afirmativamente (62,2%), relatando ainda que houve redução salarial na família devido ao isolamento (57,0%). Também 30,2% dos estudantes vivenciaram, em suas famílias, o desemprego nesse período.

Os estudantes foram solicitados a avaliarem seu desempenho durante o período de isolamento social. Para 18,6% seu desempenho tem sido bom, 2,3% relataram desempenho excelente, 16,9% julgaram péssimo, 43,0% avaliaram como regular e 19,2% como ruim. Dentre as principais alterações percebidas, a maior parte relacionou à dificuldade de concentração (33,7%), dificuldade para manter a rotina (20,3%), alterações no sono (14,0%), angústia (14,0%), irritabilidade (9,9%). Outras respostas menos frequentes envolveram sintomas relacionados a medo e alterações no apetite (3,5% cada), taquicardia e tremores (0,6% cada).

Foi realizado um teste U de Mann-Whitney com o objetivo de investigar em que medida os níveis de afetos, ansiedade, otimismo e satisfação com a vida eram diferentes entre homens e mulheres. Os resultados (Tabela 1) demonstraram que houve diferenças de médias significativas quanto ao sexo apenas em relação às variáveis: afetos negativos, ansiedade e satisfação com a vida. Especificamente, as mulheres tiveram escore estatisticamente maior para sintomas de ansiedade do que os homens ($U = 2153,000$, $z = -3,413$, $p = 0,001$). As mulheres também apresentaram maiores médias de Afetos Negativos (AN) em relação aos homens ($U = 2279,500$, $z = -2,994$, $p = 0,003$), bem como menores níveis de satisfação com a vida ($U = 2230,000$, $z = -3,159$, $p = 0,002$).

Observou-se que, em relação à idade (Tabela 1), as diferenças de médias foram significativas somente quanto aos afetos positivos, afetos negativos e sintomas de ansiedade. O grupo de estudantes com idade de 15 aos 20 anos apresentaram maiores médias de sintomas de ansiedade ($U =$

1174,000, $z = -2,541$, $p = 0,011$) e de afetos negativos ($U = 1796,000$, $z = -2,456$, $p = 0,014$). Por outro lado, esse mesmo grupo apresentou menores níveis de afetos positivos em comparação aos estudantes com idade ≥ 21 anos ($U = 1889,000$, $z = -2,108$, $p = 0,035$).

Tabela 1- Estatísticas Descritivas sobre Construtos de Acordo com as Variáveis Sexo e Idade

CONSTRUTO	VARIÁVEL	MÉDIA	DP	MEDIANA	MÉDIA DO RANK
ANS	F	10,23	0,49	9	95,25
	M	7	0,82	5,5	67,37
	15 até 20	9,74	0,48	9	91,46
	21 ou mais	7,25	0,96	6,5	67,78
SV	F	19,11	0,57	19	78,40
	M	22,46	0,89	24	104,20
	15 até 20	20,13	0,56	20	86,02
	21 ou mais	20,39	1,08	19	88,18
AP	15 até 20	21,72	0,57	21	82,39
	21 ou mais	24,19	1,07	24	102,03
NA	F	26,97	0,73	25	94,18
	M	22,74	1,11	22	69,71
	15 até 20	26,36	8,21	25,5	91,29
	21 ou mais	22,94	7,89	20,05	68,39

Nota. ANS= ansiedade; SV= satisfação com a vida; AP= afetos positivos; NA= afetos negativos; DP= desvio-padrão.

Conforme visualizado na Tabela 2, os resultados dos participantes na Escala de Satisfação com a Vida mostraram-se influenciados de forma significativa pela autoavaliação de desempenho escolar [Welch's $F(2, 92,743) = 11,333$, $p = 0,000$]. Foi possível verificar que as pontuações quanto aos afetos positivos e negativos também foram influenciadas pela autoavaliação do desempenho escolar [Welch's $F(2, 84,819) = 4,229$, $p = 0,018$] e [Welch's $F(2, 96,507) = 7,324$, $p = 0,001$], respectivamente. Do mesmo modo, observou-se que os níveis de satisfação com a vida [Welch's $F(2, 92,743) = 11,333$, $p = 0,000$], ansiedade [Welch's $F(2, 94,025) = 4,622$, $p = 0,012$] e otimismo [Welch's $F(2, 90,041) = 5,309$, $p = 0,007$] também apresentaram diferenças quanto as médias em função da autoavaliação do desempenho escolar.

Tabela 2- Teste Post-Hoc de Games-Howell com Bootstrapping (95% IC Bca)

CONSTRUTOS	COMPARAÇÕES ENTRE GRUPOS		DIFERENÇA DE MÉDIAS	ESTIMATIVAS DE BOOTSTRAPPING (95% IC Bca)		
				Erro-padrão	Limite inferior	Limite superior
OTI	Bom/Excelente	Ruim/Péssimo	2,73	0,83	0,96	4,40
		Regular	1,96	0,82	0,17	3,74
NA	Bom/Excelente	Ruim/Péssimo	-5,90	1,53	-8,87	-2,96
		Regular	-3,52	1,59	-6,55	-0,55
AP	Bom/Excelente	Ruim/Péssimo	4,40	1,53	1,48	7,25
		Regular	2,52	1,45	-0,33	5,28
ANS	Bom/Excelente	Ruim/Péssimo	3,50	1,19	-5,72	-1,23
		Regular	2,35	1,12	-4,51	-0,14
SV	Bom/Excelente	Ruim/Péssimo	6,02	1,29	3,63	8,35
		Regular	3,09	1,21	0,67	5,12

Nota. OTI= otimismo; NA= afetos negativos; AP= afetos positivos; ANS= ansiedade; SV= satisfação com a vida

Conforme observado na Tabela 3, os construtos positivos apresentaram correlação positiva entre si: satisfação com a vida mostrou-se correlacionada de forma significativa com afetos positivos ($p = 0,458$; $p = 0,0001$) e otimismo ($p = 0,523$; $p = 0,0001$), assim como afetos positivos com otimismo ($p = 0,438$; $p = 0,0001$; Tabela 3). Do mesmo modo, os construtos negativos apresentaram correlação significativa entre eles, podendo-se citar, como exemplo, o construto de afetos negativos, o qual se mostrou relacionado, de forma significativa e positiva, com a ansiedade ($p = 0,713$; $p = 0,0001$).

LA 3: CORRELAÇÃO ENTRE SATISFAÇÃO COM A VIDA, AFETOS

Tabela 3- Correlação entre Satisfação com a Vida, Afetos Positivos, Afetos Negativos, Otimismo e Ansiedade (n=172)

		SV	AP	AN	ANS	OTI
SV	P	1	0,458	-0,435	-0,364	0,523
	SIG.		0,000	0,000	0,000	0,000
AP	P	0,458	1	-0,233	-0,294	0,438
	SIG.	0,000		0,002	0,000	0,000
NA	P	-0,435	-0,233	1	0,713	-0,487
	SIG.	0,000	0,003		0,000	0,000
ANS	P	-0,364	-0,294	0,713	1	-0,413
	SIG.	0,000	0,000	0,000		0,000
OTI	P	0,523	0,438	-0,487	-0,413	1
	SIG.	0,000	0,003		0,000	

Nota. SV= satisfação com a vida; AP= afetos positivos, NA=afetos nega-

DISCUSSÃO

A avaliação da satisfação com a vida, afetos positivos e negativos, otimismo e ansiedade de estudantes que frequentam ensino técnico foi realizada com o objetivo de identificar as variáveis que podiam estar afetando a saúde mental desses estudantes durante o período de isolamento social. Especificamente para os adolescentes, a experiência na escola é uma parte importante de suas vidas, determinando sua capacidade de se sentir positivo em relação à vida (Chui & Wong, 2016).

De modo geral, os resultados mostraram que os homens apresentaram maiores médias nas medidas positivas avaliadas (satisfação com a vida e otimismo), enquanto as mulheres apresentaram maior média em conceitos que apresentam um caráter negativo (afetos negativos e ansiedade). Considerando que o bem-estar é composto pelos afetos positivos, negativos e satisfação com a vida, pode-se supor que a pandemia e o isolamento social têm impactado, de forma mais intensa e negativamente, as mulheres, as quais dependem, mais frequentemente, do apoio social para superar humor negativo (Chui & Wong, 2016). Os homens parecem enfrentar a situação com um olhar mais positivo ou menos influenciável pelas adversidades.

Tais dados confirmam a literatura científica, segundo a qual existem diferenças de gênero em relação à prevalência, sintomatologia, prognóstico, fatores de risco, influência de curso e resultados de tratamento diferente entre homens e mulheres, sendo que estas apresentam maior prevalência de transtornos

de humor, ansiedade e depressão (Howard et al., 2017; Riecher-Rössler, 2017). O fato de as mulheres terem apresentado maior prevalência de sintomas negativos também pode indicar que elas podem reconhecer melhor suas percepções, pensamentos e sentimentos, de modo a confirmar o fato de que comumente procuram mais ajuda do que os homens (Wendt & Shafer, 2015).

A autoavaliação de desempenho também influenciou diversas medidas: satisfação com a vida, afetos positivos, afetos negativos, otimismo e ansiedade. A autoavaliação tem sido destacada como uma ferramenta com o potencial de aumentar a motivação do estudante e seu engajamento na aprendizagem (Yan, 2018), contribuindo para o desenvolvimento de atitude crítica dos alunos em relação ao seu trabalho e estimulando o aprendizado contínuo (González-Betancor et al., 2019).

A variável autoavaliação de desempenho indicou que os alunos que avaliaram seu desempenho como excelente apresentaram maior média em satisfação com a vida, afetos positivos e otimismo. Assim, parece que a avaliação positiva se encontra relacionada a maiores médias em construtos favoráveis à saúde mental, possivelmente devido ao fato de que a autoavaliação de desempenho ajuda os alunos a regularem seu próprio aprendizado em relação a padrões, expectativas, metas ou objetivos da aprendizagem (Panadero et al., 2016). Tal resultado converge com a opinião de autores segundo os quais alguns adolescentes, não todos, podem estar experienciando um nível mais alto de saúde mental durante a pandemia (Saurabh & Ranjan, 2020; Xie et al., 2020; Zhou et al., 2020), especialmente maior autoeficácia e coping (Hussong et al., 2021).

Por outro lado, os resultados indicaram que os estudantes que se avaliaram negativamente apresentaram médias mais altas em afetos negativos e ansiedade. Tal situação pode ser compreendida perante o fato de que o processo de autoavaliação envolve a avaliação da qualidade do seu trabalho à luz de fatores psicológicos internos como autoestima, autoeficácia e motivações (Yan & Brown, 2017), as quais podem ter sido impactadas, diretamente, pela situação da pandemia.

Se o estudante avaliou seu desempenho como ruim, possivelmente a percepção que tem desses fatores citados também deve ser negativa, visto que, segundo os autores, a autoavaliação é resultado de cinco componentes: fontes de informação, interpretação da informação, resposta à informação, condições e influências externas e internas e tensões. Como as condições externas atuais encontram-se altamente geradoras de tensão devido ao isolamento social e necessidade de aprendizado remoto, os resultados podem ser contextualizados. Vários desses fatores, tais como número de pessoas na casa, redução salarial e desemprego relacionam-se com os impactos econômicos na saúde mental. Insegurança no traba-

lho, insatisfação financeira, reduções na renda, incapacidade de cumprir com suas despesas e falta de acesso a fundos de emergência afetam a saúde de forma adversa, de modo a sugerir que a insegurança econômica provavelmente é um risco à saúde mental (Rohde et al., 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado avaliou a relação entre aspectos positivos (satisfação com a vida, otimismo e afetos positivos) e negativos (ansiedade e afetos negativos), assim como a autoavaliação de desempenho escolar, frente ao cenário da pandemia da COVID-19. Os resultados demonstraram diferenças importantes em relação ao impacto da pandemia nos participantes. De modo geral, as mulheres apresentaram impactos mais negativos que os homens, da mesma forma que os estudantes que avaliaram seu desempenho escolar de forma mais negativa. Tais resultados podem ser utilizados, por exemplo, como base para a elaboração de programas de intervenção e/ou prevenção que atendam as necessidades diferenciadas de cada grupo.

Entretanto, os resultados, apesar de relevantes, devem ser interpretados com cautela dadas as limitações do estudo. Estudantes de somente uma escola foram avaliados e que, portanto, não representam, de forma ideal, a população de adolescentes ou de estudantes de cursos técnicos. Do mesmo modo, ainda que a pesquisa tenha voltado seu foco para os impactos da pandemia na adolescência, alguns participantes já não estavam mais nessa fase, apresentando idade maior que 19 anos ($n = 42$, ou seja, 24,4% da amostra). No entanto, convém destacar que a idade média da amostra foi de 15,5 anos.

A seleção dos construtos e dos instrumentos utilizados também pode ter atuado de forma a influenciar os resultados apresentados. Talvez, se outros construtos fossem incorporados à pesquisa, bem como outros modelos teóricos, os resultados pudessem ser diferentes. Assim, estudos futuros são recomendados a fim de ampliar os achados aqui relatados.

Almeja-se que, ao avaliar, de forma exploratória, os possíveis efeitos da vivência da pandemia nos adolescentes, tais informações sobre as consequências de crises dessa natureza para a saúde mental possam servir de base para a elaboração de políticas voltadas ao atendimento dos alunos que se mostram mais vulneráveis, bem como para o desenvolvimento de estratégias voltadas à prevenção de problemas relacionados a saúde mental dos alunos durante esse período.

FINANCIAMENTO

As autoras agradecem ao Conselho Nacional de Desen-

volvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de doutorado para a primeira autora e bolsa produtividade para a segunda autora. Agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão de bolsa de estudos à terceira autora.

DECLARAÇÃO DA CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

Janaina Chnaider, Tatiana Nakano e Laís Santos-Vitti contribuíram para a conceitualização, investigação e visualização do artigo; fizeram a redação inicial do artigo (rascunho) e a redação final (revisão e edição).

REFERÊNCIAS

- Aldridge, J. M., & McChesney, K. (2018). The relationships between school climate and adolescent mental health and wellbeing: A systematic literature review. *International Journal of Educational Research*, 88, 121-145. <https://doi.org/10.1016/j.ijer.2018.01.012>
- Andrews, J. L., Foulkes, L., & Blakemore, S. (2020). Peer influence in adolescence: Public-health implications for Covid-19. *Trends in Cognitive Sciences*, 24(8), 585-587. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2020.05.001>
- Bastianello, M. R., Pacico, J. C., Zanon, C., & Hutz, C. S. (2014). Optimism, self-esteem and personality: Adaptation and validation of the Brazilian Version of the Revised Life Orientation Test (LOT-R). *Psico-USF*, 19(3), 523-531. <https://doi.org/10.1590/1413-827120140190030>
- Bernasco, E. L., Nelemans, S. A., van der Graaff, J., & Branje, S. (2021). Friend support and internalizing symptoms in early adolescence during COVID-19. *Journal of Research on Adolescence*, 31(3), 692-702. <https://doi.org/10.1111/jora.12662>
- Chui, W. H., & Wong, M. Y. (2016). Gender differences in happiness and life satisfaction among adolescents in Hong Kong: Relationships and self-concept. *Social Indicators Research*, 125(3), 1035-1051. <https://doi.org/10.1007/s11205-015-0867-z>
- Cohen, Z. P., Cosgrove, K. T., Deville, D. C., Akeman, E., Singh, M. K., White, E., Stewart, J. L., Aupperle, R. L., Paulus, M. P., & Kirlic, N. (2021). The impact of COVID-19 on adolescent mental health: Preliminary findings from a longitudinal sample of healthy and at-risk adolescents. *Frontiers in Pediatrics*, 9, 1-15. <https://doi.org/10.3389/fped.2021.622608>
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0033-2909.95.3.542>
- Erickson, C., Arnarsson, A. M., Damsgaard, M. T., Löfstedt, P., Potrebny, T., Suominen, S., Thorsteinsson, E. B., Torsheim, T., Välimaa, R., & Due, P. (2019). Towards enhancing research on adolescent positive mental health. *Nordic Welfare Research*, 4(2), 113-128. <https://doi.org/10.18261/issn.2464-4161-2019-02-08>
- Field, A. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics* (4th ed.). SAGE Publications.
- Giacomoni, C. H. & Hutz, C. S., (1997). *A mensuração do bem-estar subjetivo: Escala de afeto positivo e negativo e escala de satisfação de vida*. In Sociedade Interamericana de Psicologia (Org.). Anais XXVI Congresso Interamericano de Psicologia (p. 313). São Paulo: SIP.
- Golberstein, E., Wen, H., & Miller, B. F. (2020). Coronavirus disease 2019 (COVID-19) and mental health for children and adolescents. *JAMA Pediatrics*, 174(9), 819-820. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2020.1456>
- González-Betancor, S. M., Bolívar-Cruz, A., & Verano-Tacoronte, D. (2019). Self-assessment accuracy in higher education: The influence of gender performance of university students. *Active Learning in Higher Education*, 20(2), 101-114.
- Haukoos, J. S., & Lewis, R. J. (2005). Advanced statistics: Bootstrapping confidence intervals for statistics with "difficult" distributions. *Academic Emergency Medicine*, 12(4), 360-365. <https://doi.org/10.1197/j.aem.2004.11.018>
- Howard, L. M., Ehrlich, A. M., Gamlen, F., & Oram, S. (2017). Gender-neutral mental health research is sex and gender biased. *The Lancet Psychiatric*, 4(1), 9-11. [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(16\)30209-7](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(16)30209-7)
- Hussong, A. M., Midgette, A. J., Thomas, T. E., Coffman, J. L., & Cho, S. (2021). Coping and mental health in early adolescence during COVID-19. *Research on child and adolescent psychopathology*, 49(9), 1113-1123. <https://doi.org/10.1007/s10802-021-00821-0>
- Johnson, S. U., Ulvenes, P. G., Øktedalen, T., & Hoffart, A. (2019). Psychometric properties of the general anxiety disorder 7-item (GAD-7) scale in a heterogeneous psychiatric sample. *Frontiers in psychology*, 10, 1713. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01713>
- Moreno, A. L., DeSousa, D. A., Souza, A. M. F. L. P., Manfro, G. G., Salum, G. A., Koller, S. H., Osório, F. L., & Crippa, J. A. S. (2016). Factor structure, reliability, and item parameters of the brazilian-portuguese version of the GAD-7 questionnaire. *Temas em Psicologia*, 24(1), 367-376. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-25>
- Nakano, T. C., Roza, R. H., & Oliveira, A. W. (2021). Ensino remoto em tempos de pandemia: Reflexões sobre seus impactos. *E-curriculum*, 19(3), 1368-1392. <https://doi.org/10.23925/1809-3876.2021v19i3p1368-1392>
- Oosterhoff, B., & Palmer, C. A. (2020). Psychological correlates of news monitoring, social distancing, disinfecting, and hoarding behaviors among US adolescents during the COVID-19 pandemic. *JAMA Pediatrics*, 174(12), 1184-1190. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2020.1876>
- Panadero, E., Brown, G. T., & Strijbos, J. (2016). The future of student self-assessment: A review of known unknowns and potential directions. *Educational Psychology Review*, 28, 803-830. <https://doi.org/10.1007/s10648-015-9350-2>
- Riecher-Rössler, A. (2017). Sex and gender differences in mental disorders. *The Lancet Psychiatric*, 4(1), 8-9. <https://dx.doi.org/10.1016/S2215-0366>

- Rohde, N., Tang, K. K., Osberg, L., & Rao, P. (2016). The effect of economic insecurity on mental health: Recent evidence from Australian panel data. *Social Science & Medicine*, 151, 250-258. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2015.12.014>
- Saurabh, K., & Ranjan, S. (2020). Compliance and psychological impact of quarantine in children and adolescents due to COVID-19 pandemic. *Indian Journal of Pediatrics*, 87(7), 532-536. <https://doi.org/10.1007/s12098-020-033x47-3>
- Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self-esteem): A reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(6), 1063-1078. <https://doi.org/10.1037//0022-3514.67.6.1063>
- Spitzer, R., Kroenke, K., Williams, J. B.W., & Lowe, B. (2006). A brief measure for assessing generalized anxiety disorder: The GAD-7. *Archives of Internal Medicine*, 166(10), 1092-1097. <https://doi.org/10.1001/archinte.166.10.1092>
- Thomson, K. C., Guhn, M., Richardson, C. G., & Shoveller, J. A. (2017). Associations between household educational attainment and adolescent mental health in the Canada. *SSM Popular Health*, 3, 403-410. <https://doi.org/10.1016/j.ssmph.2017.04.005>
- Tiirikainen, K., Haravuori, H., Ranta, K., Kaltiala-Heino, R., & Marttunen, M. (2019). Psychometric properties of the 7-item Generalized Anxiety Disorder Scale (GAD-7) in a large representative sample of Finnish adolescents. *Psychiatry research*, 272, 30-35. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.12.004>
- Wang, J., Wang, H., Lin, H., Richards, M., Yang, S., Liang, H., Chen, C., & Fu, C. (2021). Study problems and depressive symptoms in adolescents during the COVID-19 outbreak: Poor parent-child relationship as a vulnerability. *Globalization and health*, 17(1), 1-9. <https://doi.org/10.1186/s12992-021-00693-5>
- Wendt, D., & Shafer, K. (2015). Gender and attitudes about mental health help seeking: Results from national data. *Health & Social Work*, 41(1), e20-e28. <https://doi.org/10.1093/hsw/hlv089>
- Xie, X., Xue, Q., Zhou, Y., Zhu, K., Liu, Q., Zhang, J., & Song, R. (2020). Mental health status among children in home confinement during the coronavirus disease 2019 outbreak in Hubei Province, China. *JAMA pediatrics*, 174(9), 898-900. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2020.1619>
- Yan, Z. (2018). Student self-assessment practices: The role of gender, school level and goal orientation. *Assessment in Education: Principles, Policy & Practice*, 25(2), 183-199. <https://doi.org/10.1080/0969594X.2016.1218324>
- Yan, Z., & Brown, G. T. (2017). A cyclical self-assessment process: Towards a model of how students engage in self-assessment. *Assessment & Evaluation in Higher Education*, 42(8), 1247-1262. <https://doi.org/10.1080/02602938.2016.1260091>
- Zanon, C., Bardagi, M. P., Layous, K., & Hutz, C.S. (2014). Validation of the satisfaction with life scale to Brazilians: Evidences of measurement noninvariance across Brazil and US. *Social Indicators Research*, 119(1), 443-453. <https://doi.org/10.1007/s11205-013-0478-5>
- Zanon, C., & Hutz, C. S. (2014). Escala de afetos positivos e afetos negativos (PANAS). In C. H. Hutz (Org.), *Avaliação em psicologia positiva* (pp. 63-69). Artmed.
- Zhou, S. J., Zhang, L. G., Wang, L. L., Guo, Z. C., Wang, J. Q., Chen, J. C., Liu, M., Chen, X., & Chen, J. X. (2020). Prevalence and socio-demographic correlates of psychological health problems in Chinese adolescents during the outbreak of COVID-19. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 29(6), 749-758. <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01541-4>

Data de submissão: 31/03/2022

Primeira decisão editorial: 12/04/2023

Aceite: 25/07/2023